

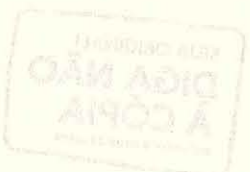
DICIONÁRIO
CRÍTICO DE
FILOSOFIA
PORTUGUESA

MARIA DE LOURDES
SIRGADO GANHO

COORDENAÇÃO

TEMAS E DEBATES

Círculo-Leitores



Dicionário Crítico DE Filosofia Portuguesa



COORDENAÇÃO
Maria de Lourdes Sirgado Ganho

TEMAS E DEBATES
Círculo Leitores

Lisboa, 2016



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Dicionário Crítico DE Filosofia Portuguesa

ISBN 978-989-644-350-4



Copyright © 2016, CEFi – Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores e Temas e Debates
Edição no âmbito do projeto «Dicionário Crítico de Filosofia Portuguesa»
(Ref.º POCTI/FIL/32561/1999) financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
Revisão: Levi Condinho
Capa: Ana Monteiro
Pré-impressão: ARD-Cor
Execução gráfica: Bloco Gráfico Lda., Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: abril de 2016
ISBN (Temas e Debates): 978-989-644-350-4
N.º de edição (Círculo de Leitores): 8065
Depósito legal número 405 382/16

Temas e Debates – Círculo de Leitores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1
1500-499 Lisboa
www.temasedebates.pt
www.circuloleitores.pt

Reservados todos os direitos. Nos termos do Código do Direito de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

Sumário

Prefácio	13
Abreviaturas, símbolos e sinais	17
PARTE 1	
BIOGRAFIAS	
Lista de colaboradores	20
Aboab, Emanuel	25
Abranches, Cassiano dos Santos	26
Abravanel (ou Abrabanel), Isaac ben Jeudá	28
Almeida, Francisco Vieira de	29
Almeida, Teodoro de	34
Álvares, Baltasar	38
Álvares, Manuel	39
Alves, Victorino de Sousa	40
Ameal, João	41
Andrade, António Alberto Banha de	42
Antunes, Manuel	44
Aranha, Silvestre	45
Aresta, Eugénio Rodrigues	47
Arrais (D. Frei) Amador	47
Arriaga, José Brum da Silveira de	50
Bacelar, José Caldeira de Abreu	53
Barbosa, Aires	55
Barbosa, António Soares	56
Barbosa, Arnaldo de Miranda	57
Barreto (de Cantanhede), Gregório	59

ros barrocos, objetos de uma crítica auzada. Define todos os géneros poéticos e, em síntese, recupera a tese aristotélica da Poesia como imitação da Natureza, aconselha o seguimento dos clássicos, por serem mestres da *imitatio*, propõe para a literatura uma finalidade ética e social, e faz a apologia da justa harmonia, do equilíbrio, pelo que condena tanto o conceitismo e o cultismo, como o plebeísmo e o vulguismo. A Retórica portuguesa ainda o tem por fonte magistral de bom gosto.

Pinharanda Gomes

BIBLIOGRAFIA

Obras do autor:

A Vida do Infante D. Henrique, Lisboa, Offina de Francisco Luiz Ameno, 1758; *Método breve e fácil*, Lisboa, officina de Francisco Luiz Ameno, 1748; *O Secretário Português*, Lisboa, Officina de António Izidoro da Fonseca, 1745; *A Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia*, Lisboa, Officina de Francisco Luiz Ameno, 1748; *Ilustração Crítica*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, Impresor do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca: vendese na logea de Manoel da Conceição na Rua Direita do Loreto, junto ao Conde de Santiago, 1751; *Arte Poética de Quinto Horácio Flacco*, 2.^a ed., Lisboa, Of. Rollandina, 1778; *Dicionário Poético para uso dos que principiam*, Lisboa, Offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1765; *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, ed. póst., Lisboa, Lisboa, Typographia da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, 1842. O Códice CXIII da Biblioteca de Évora contém variadíssimos escritos teóricos e poéticos, inéditos, enquanto a versão de obras de Virgílio (incluindo a *Eneida*) se encontra na Academia das Ciências de Lisboa, ms. 1029 A.

Estudos:

Figueiredo, Canais de, *Estudos Biographicos*, Lisboa, 1851, 254; Andrade, A. A. de, *Verney e a Cultura do Seu Tempo*, Coimbra, 1966, *passim*; Castro, Aníbal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal, do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, 1973; Saraiva, L., e Lopes, O., *História da Literatura Portuguesa*, 16.^a ed., Porto, s. d., pp. 624-626.

Freitas, Manuel Barbosa da Costa

(n. Barrocelas, Viana do Castelo, 26.2.1928 – m. Lisboa, 4.2.2010)

A visão franciscana da vida, nos seus rasgos de pobreza e amor à verdade, bem assim de uma generosa atenção à existência encarnada, é, porventura, o traço de continuidade mais profundo entre o pensamento e a ação de M. B. C. F. Entrando ainda jovem na Ordem Franciscana, essa visão aprofundou-se em liberdade e razões, marcando decisivamente o seu modo de relação com a realidade.

Os temas de reflexão filosófica de M. B. C. F., ao longo de mais de meio século, são variados, mas podem encontrar-se alguns núcleos estruturantes e aglutinadores da sua atividade intelectual, ainda que sempre interligados entre si e em estreita relação com a sua diversificada atividade docente: o pensamento português, o pensamento medieval, o espiritualismo francês e a fenomenologia e filosofia da religião.

Mas antes de apresentar esses pontos de gravidade, comecemos pelo seu princípio hermenêutico fundamental, decantado dos seus mais de quarenta anos de docência, não só, mas sobretudo, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, onde foi professor catedrático (lecionou igualmente no Seminário Franciscano, em Leiria, no Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos, e ainda, como convidado, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Universidade Nova de Lisboa), princípio que, por todos os meios, procurou praticar e transmitir aos seus alunos: antes de criticar ou aderir a qualquer autor ou doutrina ou texto, importa

compreender por dentro o pensamento em causa. A liberdade de interpretação é um ponto de chegada, não o ponto de partida. A crítica apressada ou a adesão precipitada são o pior escolho da atividade intelectual que, na sua denúncia, não raro descamba para a pesporrência atrevida daquele que ignora que não sabe. Contra esta «calamidade», assistiram muitas vezes, os seus alunos, ao mais puro exercício socrático da ironia que, deliberada ou espontânea, produzia por vezes um verdadeiro despertar da dormência, e que, se incompreendida por alguns, em outros exercia indisfarçável atração. Sem recusar a magistralidade, cultivava o diálogo e a pergunta inteligente como as mais excelentes formas de relação pedagógica. Espírito dialético na análise e sintético na conclusão, reconduzia com rigor lógico a série de argumentos até à sua expressão mais simples. A simplicidade, com efeito, qual colheita da tarde, desconcerta quem procura razões obscuras, enoveladas, *profundíssimas*. Por isso M. B. C. F. *sobrava* sempre por cima da profunda erudição que então manifestava.

Quanto ao primeiro núcleo da sua reflexão, o pensamento português, de entre o estudo de várias figuras (Santo António de 7 Lisboa, Teixeira de 7 Pascoaes, Guerra 7 Junqueiro, José 7 Marinho, Miguel Torga) ressalta a reflexão sobre a vida e a obra de Leonardo 7 Coimbra, sendo a primeira pessoa em Portugal a estudar sistematicamente o pensador da Lixa e figura central do pensamento filosófico português do século xx. A sua tese de doutoramento, defendida no Pontifício Ateneu Antoniano de Roma, em 1954, versou justamente sobre *A Importância da Actividade do Sujeito no*

Conhecimento, segundo a Doutrina de Leonardo Coimbra. Trabalho pioneiro, abriu caminho a outros estudos que se lhe seguiram, até hoje, quer seus quer de outros. Na obra de Leonardo Coimbra, os temas que mais atraíram a sua atenção e o seu interesse foram, para além do conhecimento (de si, da natureza e de Deus), a ontologia criacionista, a crítica ao positivismo e ao kantismo, o franciscanismo, a saudade, a graça, e onde figuras como o *Cego do maio* são o manancial de reiteradas meditações filosóficas.

O segundo núcleo, como se disse, é o pensamento medieval, em todo o seu conjunto – mas a ordem não é simplesmente cronológica, pois se Leonardo Coimbra o atraía desde jovem, o mesmo é verdade relativamente a Santo Agostinho: M. B. C. F. pensa como quem bebe água de uma fonte – *sed fons vincit sitientem* (Agostinho, *Sermo* 159, 9) – e, por isso, menos interessado no sistema do que no acontecimento, os temas sobre que se debruça cruzam-se e recruzam-se ao ritmo da vida e da interrogação, qual sístole e diástole do *inquietum cor*. No pensamento medieval interessam-no e ocupam-no particularmente o pensamento de Santo Agostinho, de Boécio, de Santo Anselmo, de Santo António, de São Boaventura, de Duns Escoto. Manifesta neste domínio o rigor e a subtilidade da sua reflexão ao comentar, por exemplo, o *De Consolatione philosophiae* e as definições de Boécio, o *De Veritate*, de Santo Anselmo, uma *quaestio* de São Tomás, os textos de Duns Escoto respeitantes à noção de pessoa (*intellectualis naturae incommunicabilis existentia*) ou à possibilidade do conhecimento de Deus pela razão, ou ainda as *Confissões* de Santo Agostinho. Com efeito, a antropologia

cristã do *homo imago Dei*, a articulação entre a fé e a razão, a possibilidade do conhecimento e da experiência de Deus, a psicologia do desejo de felicidade e da conversão, as questões ontológicas, como o Ser e os seres, o estatuto ôntico das criaturas («A criação surge como gesto do amor transcendente de Deus, como o Infinito a encher o Nada com a esmola do ser», afirma com Leonardo Coimbra e tão próximo dos autores medievais), a natureza como livro escrito para gáudio da inteligência, são outros tantos temas transversais ao pensamento medieval, que constituem também a *prima materia* da sua reflexão.

O terceiro polo da sua reflexão, de maneira genérica e à falta de melhor termo, é o chamado *espiritualismo francês*. À cabeça deste movimento vem um dos seus pensadores de eleição, Maurice Blondel, e a temática da Ação. Mas imediatamente conexos com a Ação outras questões de antropologia filosófica se impõem: a vontade, a liberdade, a ética, os valores, a existência encarnada, o sofrimento, a dimensão religiosa, a morte e o seu sentido. De Henri Bergson, outro dos autores que muito frequenta, uma das ideias mais caras que acarinha é a noção de ser como dinamismo e perfectibilidade. Percorre estes temas muito perto também de autores como Charles Péguy, Gabriel Marcel, Maurice Pradines, Louis Lavelle, Vladimir Jankélévitch, Gabriel Madinier, Jean Guilton, Claude Bruaire, Joseph de Finance, entre outros. Se o homem pode de facto ser chamado criador, isso acontece sobremaneira no domínio ético e moral. Neste sentido, se todas as dimensões da Ação humana são uma manifestação *in fieri* de autotranscendência relacional, uma fenomenologia da consciência na sua intencionalidade

última parece clamar por Outra transcendência. E é precisamente através dos temas relacionados com a Ação, a sua interpretação e o seu sentido, à luz de uma antropologia de raízes bíblicas, que se encontra igualmente com autores como Martin Buber, Emmanuel Levinas, Paul Ricoeur – demonstrando com textos que, para este último autor, nomeadamente, não há distinção real entre *ética* e *moral* – e que, mais recentemente, contacta pessoalmente com filósofos como Michel Henri que, vindos da fenomenologia husserliana, ultrapassaram progressivamente os seus limites e, cruzando as noções de *manifestação* e de *revelação*, se encontraram com os temas maiores da tradição filosófica antiga e medieval, mormente as filosofias inspirados no *Prólogo* de João: «No princípio era o Verbo» e o «Verbo era a luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo o homem.»

Um quarto núcleo aglutinador do seu pensamento e da sua docência, desenvolvido sobretudo nos últimos anos, liga-se à fenomenologia e filosofia da religião. É verdade que a fenomenologia do sentimento religioso, de modo particular o fenómeno da *conversão* (Santo Agostinho, São Francisco, Pascal, Leonardo Coimbra, Paul Claudel) sempre o interessou. Mas a fenomenologia da religião trouxe-o até temas e autores mais próximos de nós, como Rudolf Otto, Mircea Eliade, Georges Dumézil, ou Julien Ries. O tempo, apurando exigências filosóficas, e o seu múnus pastoral como sacerdote («a pastoral da inteligência»), levaram-no igualmente a tomar a sério as críticas e as razões da Modernidade contra a religião: de Kant, em *A Religião nos Limites da Simples Razão*; do jovem Hegel, em *O Espírito do Cristianismo e o Seu Destino* e *A Positividade da Religião Cristã*; de Feuerbach, em

A Essência do Cristianismo; de Marx, nos *Manuscritos Económico-Filosóficos* e *A Sagrada Família*; e, acima de todos eles, as críticas de Nietzsche, *v. g.*, em *A Genealogia da Moral*. Durante anos, estes e outros textos foram explicados linha a linha, palavra a palavra, aos seus alunos, esclarecendo com argúcia as passagens mais obscuras e jamais recusando o desafio de levar ao extremo as razões destes autores, expondo-as e criticando-as a partir de dentro.

José Maria Silva Rosa

BIBLIOGRAFIA

Obras do autor:

«Da pessoa em Escoto», 1946; «Deus no Homem e o Homem em Deus», 1946; «Psicologia da fé», 1947; *A Importância da Actividade do Sujeito no Conhecimento, segundo a Doutrina de Leonardo Coimbra*, 1954; «O pensamento criacionista de Leonardo Coimbra», 1957; «A causalidade do conhecimento em Duns Escoto», 1958; «Aspetos do saudosismo em Leonardo Coimbra», 1958; «A salvação dos pagãos e a responsabilidade dos cristãos», 1960; «As provas da existência de Deus segundo o método criacionista de Leonardo Coimbra», 1960; «Leonardo Coimbra: Incidências positivas na sua filosofia», 1960; «A pessoa e o seu fundamento ontológico em Escoto», 1960; «Escoto perante as recentes Investigações histórico-críticas», 1962; «A experiência dos valores», 1963; «A existência de Deus segundo Escoto», 1966; «*De argumentatione Duns Scoti pro infinitate Dei*», 1968; «Fé e ateísmo no mundo contemporâneo», 1971; «S. Boaventura e a coexistência da fé e do saber», 1974; «A doutrina bonaventuriana do homem-imagem e a coexistência da fé e do saber», 1974; «O ideal bonaventuriano da sabedoria cristã e a filosofia», 1974; «S. Boaventura e o simbolismo metafísico-religioso do mundo sensível», 1976; «O conhecimento filosófico de Deus segundo J. Duns Escoto», 1982; «O fenómeno da emancipação e libertação, no séc. xx», 1980; «O tema da *regio dissimilitudinis* nos Sermões de S. António», 1982; «O tema da saudade no pensamento criacionista de Leonardo Coimbra», 1983; «Verdade, rectidão e justiça, em Santo Anselmo», 1986; «Fundamentação filosófica

do Direito e do Estado, em S. Agostinho», 1986; «A oração num mundo secularizado», 1986; «O criacionismo de Leonardo Coimbra: Trajectória de uma ideia», 1989; «À imagem e semelhança de Deus. Um tema de antropologia agostiniana», 1989; «G. Marcel: A dimensão metafísica da Esperança», 1989; «A realidade de Deus», 1991; «S. João da Cruz e o simbolismo religioso da *noite escura*», 1991; «Nota preliminar a *Dispersos IV*, compilação de textos de Leonardo Coimbra», 1991; «A filosofia de *L'Action* como intelectualismo ou realismo integral», 1993; «O fenómeno da emancipação e libertação no séc. xx», 1993; «O ateísmo hermenêutico de Feuerbach», 1993; «Natureza e fundamento ontológico da pessoa em Duns Escoto», 1994; «Elementos para uma cristologia kantiana», 1994; «*Creatio, conversio, formatio*: Um esquema de antropologia agostiniana», 1995; «S. Francisco de Assis e a experiência de Deus», 1995; «O cristocentrismo nos *Sermões* de Santo António», 1996; «Guerra Junqueiro no pensamento de Leonardo Coimbra», 1997; «Leonardo Coimbra: Um comentário ao S. Paulo de Teixeira de Pascoaes», 1997; «Natureza e dimensões da acção humana», 1998; «Trabalho e condição itinerante do homem», 1998; «Razão e Fé no pensamento de Santo Agostinho», 1999; «Para uma fundamentação ontológica da Ética», 1999; «O silêncio de Deus: Desafios à Teodiceia», 1999; «O Ser e os seres nas *Confissões* de Santo Agostinho», 2000; «Religião e Religiões», 2000; «Introdução às *Confissões* de Santo Agostinho, 2000; «Apresentação» [a Michel Henry, *Encarnação, uma Filosofia da Carne*], 2001; «Da alienação religiosa em Feuerbach – Leitura de *Pensamentos sobre a morte e imortalidade*», 2001; «O humanismo cristão no discurso criacionista de Leonardo Coimbra», 2001; *O Ser e os Seres: Itinerários Filosóficos*, vols. I e II, Lisboa, Editorial Verbo, 2004.

Estudos:

Reimão, Cassiano e Pimentel, Manuel Cândido (coord.), *Os Longos Caminhos de Ser: Homenagem a Manuel Barbosa da Costa Freitas*, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Universidade Católica, 2003; Volume de homenagem ao Prof. Manuel Barbosa da Costa Freitas, *Itinerarium, Revista Quadrimestral de Cultura*, Lisboa, Ano LVI, n.ºs 197 e 198 (maio-dezembro de 2010); Pereira, Américo, «João Duns Escoto: os estudos de Manuel da Costa Freitas, ofm (primeira parte)», *Itinerarium*, Ano LIX (2013), pp. 57-73.